

RESENHAS

ALVES, André e SAMAIN, Etienne. 2004. *Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado*. Campinas: Editora Unicamp/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 240 pp.

Édison Gastaldo

PPGCSA/Unisinos

Os argonautas do mangue é um livro a um só tempo denso e leve. Denso pela profundidade das questões que mobiliza: teóricas, metodológicas e temáticas. Leve por sua prosa bem escrita, que se articula com pertinência a um belo conjunto de imagens, com excelente qualidade gráfica, acrescentando à leitura uma prazerosa experiência estética, dimensão freqüentemente ignorada em livros acadêmicos.

O volume divide-se em duas partes. Na primeira, *Balinese character (re)visitado*, Etienne Samain faz uma apresentação crítica da famosa e controvertida obra publicada por Gregory Bateson e Margaret Mead em 1942, considerada hoje como um clássico da antropologia visual. *Balinese character* é um livro relativamente raro, do qual muitos ouviram falar, mas poucos de fato leram, ou mesmo folhearam. Um livro misterioso que, mesmo sem jamais sair da primeira edição (houve somente duas reimpressões

até hoje, em 1962 e 1985), redimensionou o estatuto da fotografia na pesquisa em ciências sociais. Histórias sobre o livro falam de míticas 25.000 fotografias e 7km de filme 16mm utilizados por Bateson para documentar imagetivamente o *ethos* balinês, entre 1936 e 1939. Etienne Samain, com sua prosa elegante, conduz os leitores pelos complexos meandros da produção deste livro.

Na melhor perspectiva batesoniana, Samain vai buscando as *relações* entre as coisas, as "estruturas que unem" posições teóricas, fatos históricos e laços afetivos, considerando cada um destes fatores e sua relevância na concepção e na realização do famoso livro. Ele resgata, por exemplo, a influência de Franz Boas, bem como a de Freud e a de Lévy-Bruhl no posicionamento teórico e metodológico da jovem estudante Margaret Mead, além do trabalho de seus colegas e amigos íntimos, Edward Sapir e Ruth Benedict. Assim, a história social da produção desta obra-prima nos conta muito sobre a própria história da antropologia do século XX, evidenciando o modo pelo qual relações pessoais e posições teóricas freqüentemente se entrelaçam. Como um exemplo, eu citaria o caso, trazido por Samain, do Natal de 1932, em que Bateson, Mead e Reo Fortune discutiam a

relação entre cultura e personalidade em uma tenda na Nova Guiné, protegidos por um mosquiteiro, tendo em mãos um presente recém-chegado: uma primeira versão do que viria a ser *Patterns of culture* (publicado em 1934), enviado por Ruth Benedict, amiga íntima de Mead. Acredito que evidenciar este tipo de relação entre teorias e a vida cotidiana de seus proponentes ajuda a evitar reificações dentro da própria teoria antropológica, "humanizando", por assim dizer, nossos "gigantes" ou "pais fundadores" sem cair no mero anedotário — outra forma de mitificação, como ocorreria com o pobre Malinowski pós-publicação de seus diários... E nesse difícil caminho do entrelaçamento de biografia, história das idéias e teoria antropológica, a abordagem de Samain acerta na justa medida.

Tendo dado ao leitor elementos mais do que suficientes para situar o contexto no qual *Balinese character* foi gestado, a discussão de Samain sobre o livro propriamente dito centra-se mais nos aspectos metodológicos do que teóricos, dedicando particular ênfase aos usos da fotografia como técnica de pesquisa e à complexa relação entre texto escrito e texto imagético. E nisso acredito residir a força e a importância de *Balinese character* para os leitores contemporâneos. Afinal, Bateson e Mead deixaram, com sua "inovação experimental" — um *corpus* de 25.000 fotografias sistematicamente organizadas, selecionadas e distribuídas em pranchas com comentários gerais e específicos — um modelo que permitiu abrir caminho para novos usos da fotografia na pesquisa em ciências sociais. É evidente que o uso da fotografia na pesquisa antropológica remonta aos tempos do daguerreótipo, mas *Balinese character* é um divisor de águas: antes dele, a fotografia ocupava um lugar secundário, de mera "ilustração", principalmente de aspectos da cultura material — um bom exemplo seriam as fotografias

feitas por Malinowski nas Ilhas Trobriand, "mostrando" aos leitores os colares e os braceletes usados no Kula.

No livro de Bateson e Mead, a fotografia passa a ocupar um lugar central, *pari passu* com o texto escrito. É a este uso que Samain dedica boa parte de seu ensaio, evidenciando tanto os usos quanto os abusos deste modelo. Se afinal, como se diz, "uma imagem vale mais do que mil palavras", muitas vezes essa loquacidade volta-se contra o autor: as imagens "dizem" mais do que o texto e os seus autores gostariam, o que efetivamente ocorre com Bateson e Mead, abrindo vários flancos para críticas — que de fato vieram. Ainda assim, tal discrepância entre o dito e o visto, se por um lado parece depor contra os autores, por outro dá a esta obra uma saudável "abertura" a leituras cruzadas, a outros caminhos de perscruta de suas páginas, o que confere uma vitalidade que não se extingue na primeira leitura. Fosse um livro *alltype* — somente texto — e *Balinese Character* teria sido apenas mais uma das muitas monografias sobre os povos do Pacífico Ocidental publicadas naquele período. A leitura aberta que suas 759 fotografias oferecem comprou, ao preço da polêmica, a dimensão da eternidade.

A segunda parte, *Os argonautas do manguê*, que dá título ao volume, é derivada da dissertação de mestrado em multimeios de André Alves. Trata-se de uma etnografia que investiga o modo de vida tradicional dos caranguejeiros nos mangues da região de Vitória, no Espírito Santo. O tema, por si só, suscita questões importantes, como a relação entre o ser humano e o ambiente natural, a dupla lógica do tempo para os caranguejeiros — regidos pelo tempo da lua e das marés na coleta dos caranguejos e pelo calendário gregoriano em seu comércio — as técnicas corporais empregadas para pegar um caranguejo enterrado em um metro de lama etc.

Porém, graças ao uso sistemático das fotografias, em contínuo diálogo com o texto, *Os argonautas do mangue* conduz o leitor muito além. Manifestamente inspirado em *Balinese character*, o trabalho de André Alves faz uso de uma técnica de apresentação similar: pranchas com fotografias relacionadas entre si, ao lado de uma página com textos para cada imagem e para o tema como um todo, partindo de um acervo numeroso (no caso, 3.600 fotografias). O percurso visual proposto por Alves oferece um caminho de leitura, mas não obriga o leitor a segui-lo. As fotografias, pela ordem em que estão dispostas, vão paulatinamente trazendo o leitor para perto do objeto da pesquisa. Começa no passado, com um mapa de Vitória e seu projeto de urbanização no final do século XIX, passando por fotografias de satélite e fotografias aéreas, mapeando o território, demarcando as regiões de mangue e evidenciando a ação humana sobre o ambiente natural, década a década. Visto do céu, o mangue parece um pequeno paraíso, densa vegetação à beira das águas; aqui e ali, linhas retas e quadradinhos brancos vão adentrando esse território liminar, nem água, nem terra: são as palafitas e suas pontes de tábua, que vão perdendo a beleza à medida que o avião voa mais baixo, e se começa a ver o que foi feito do mangue "aterrado" por décadas com lixo urbano: a fronteira entre natureza e cultura apresenta-se como periferia, miséria, lama e lixo.

Chegando mais perto ainda, a pé ou de canoa, André Alves vai acompanhando os caranguejeiros em seu trabalho, compartilhando conosco seu olhar. Fotógrafo de elevada virtude técnica, Alves consegue fotografias magníficas em um local de luz extremamente difícil: o sol filtrado por folhas, refletido na lama negra do mangue — paisagem de luzes e sombras acentuadas, um pesadelo para qualquer fotógrafo amador. Deixando o lixão para

trás a remo, André Alves leva o leitor para os labirintos vegetais do mangue, onde os seus argonautas têm apenas poucas horas para fazerem seu trabalho, antes que a próxima maré alague tudo implacavelmente. Como na perspectiva de Bateson, Alves também vai procurando evidenciar as "estruturas que unem" o caranguejo, a maré, o mercado, as embarcações e as tecnologias de captura.

Assim, *Os argonautas do mangue* é um texto bom para pensar: pensar de que modo a introdução de uma tecnologia simples — uma redinha feita de fios de ráfia colocada na toca do caranguejo — pode pôr em perigo todo um ecossistema, devastando a população de caranguejos, inflacionando o número dos que buscam o caranguejo (já que não requer mais a esmerada técnica de captura "no braço"), conseqüentemente, reduzindo o tamanho dos animais à venda, bem como o seu preço. Com sua mercadoria valendo menos, os caranguejeiros têm que capturar mais caranguejos para ganhar a vida, e assim uma espiral de destruição ambiental instala-se. Ambiente, economia, tecnologia e cultura estão relacionados, mas essas relações certamente não são simples.

Como um último ponto, eu destacaria um dos resultados paralelos produzidos pelo trabalho de André Alves. Pelo contato com o antropólogo interessado em seu trabalho, alguns caranguejeiros, conversando entre si, marcaram reuniões e organizaram-se em uma associação que busca limitar os períodos para captura, manter um patamar de preço razoável e preservar o mangue, tentando deter a espiral de destruição. Provavelmente, organizar um movimento de sociedade civil não estava no projeto de pesquisa de André Alves, porém, é animador ver que do impulso original de um trabalho de pesquisa antropológica podem decorrer outras conquistas para os pesquisados, que vão além de um exemplar da tese publicada.

Em suma, *Os argonautas do mangue* traz aos leitores, em um único volume, importantes questões sobre técnica de pesquisa e apresentação de resultados em antropologia visual, sobre a complexa relação entre natureza e cultura e sobre como interagir com respeito com os sujeitos de nossas pesquisas.

CLASTRES, Pierre. 2004. *Arqueologia da violência — pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify. 325pp.

Flávio Gordon

Doutorando, PPGAS-MN-UFRJ

Em 1977, ano da publicação original de *Arqueologia da violência*, vinham a público as atas do XLIIº Congresso Internacional de Americanistas (Paris, 1976), reunidas no volume *Social time and social space in lowland south american societies*, organizado por Joanna Overing. Naquela ocasião, foram discutidos e delineados os principais problemas teóricos que guariam o “americanismo tropical” nas décadas seguintes. De certa forma, esse último grande livro de Pierre Clastres, publicado postumamente, marca o fim de sua carreira intelectual — interrompida de forma trágica por um acidente de automóvel em 1977 — mas coincide também, por outro lado, com um momento de notável desenvolvimento na etnologia americanista. Esta última vem comprovando a atualidade do pensamento de Clastres, ao confirmar algumas de suas intuições fundamentais sobre os índios sul-americanos.

Não obstante, nesses últimos quase 30 anos, o acúmulo de conhecimento empírico, resultado de intensas pesquisas de campo, descobertas arqueológicas importantes, bem como de estudos linguísticos detalhados, tornaram difícil a tarefa de apreciar esta obra que a *Cosac*

& Naify dá à luz 24 anos após a edição original. Mais difícil ainda se, ao fazê-lo, pretende-se evitar o tratamento usual dispensado aos “clássicos” em nossa disciplina: indiferença parcimoniosa, por um lado, referência legitimadora, por outro.

Em que pesem as implicações profundas que a obra de Clastres tem, tanto para a antropologia política quanto para a filosofia em geral, o livro deixa clara a posição do autor como americanista e como pesquisador de campo. Ele teve contatos mais ou menos intensos com diversas sociedades sul-americanas — os Guayaki (1963-64), os Guarani (1965), os Chulupi do Chaco paraguaio (1966-68), os Yanomami (1970-71) — e a amplidão filosófica de seu pensamento é inseparável dessa experiência.

A presente obra complementa e amplia as teses que o autor havia avançado em seu livro de 1974, *A sociedade contra o Estado*. Clastres procura aprofundar a crítica à visão tradicional das sociedades das terras baixas como limitadas por um ambiente natural hostil aliado a um baixo desenvolvimento tecnológico. O autor tem como alvos principais, por um lado, os desenvolvimentos teóricos da escola norte-americana de ecologia cultural, ligados ao nome de Julian Steward e ao *Handbook of south american indians*; por outro, as inclinações macro-históricas da antropologia marxista — sobretudo francesa — vinculadas a autores como Godelier e Meillassoux, entre outros. Trata-se aqui de afirmar, contra estas posições, que a economia minimalista e a organização social “dispersa” das sociedades sul-americanas não são efeitos de uma limitação natural externa, nem tampouco de arcaísmo histórico-evolutivo, mas antes movimento inerente ao próprio ser dessas sociedades — voluntarismo filosófico mais que determinismo ecológico ou histórico.